



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LUZIA PEREIRA LEITE

**CIVILIZAÇÃO E NARRATIVA DE CONTRASTES EM A *CIDADE E AS*
SERRAS, DE EÇA DE QUEIRÓS**

CAJAZEIRAS – PB

2023

LUZIA PEREIRA LEITE

**CIVILIZAÇÃO E NARRATIVA DE CONTRASTES EM A CIDADE E AS
SERRAS, DE EÇA DE QUEIRÓS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L533c	<p>Leite, Luzia Pereira. Civilização e narrativa de contrastes em A Cidade e as Serras, de Eça de Queirós / Luzia Pereira Leite. - Cajazeiras, 2023. 43 f. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Análise literária. 2. Civilização. 3. Cidade. 4. Queirós, José Maria Eça de. 5. Escola literária. 6. A cidade e as serras-obra. 7. Mulher serrana-mulher parasiense. 8. Eça de Queirós - fase pós realista. 9. Tecnologia. 10. Narrativa de constraste. I. Nóbrega, Lígia Regina Calado de Medeiros. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS CDU - 82.09</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

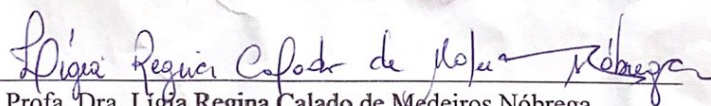
LUZIA PEREIRA LEITE

**CIVILIZAÇÃO E NARRATIVA DE CONTRASTES EM A CIDADE E AS
SERRAS, DE EÇA DE QUEIRÓS**

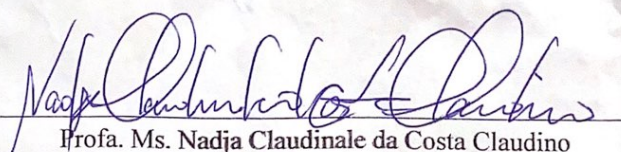
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 19/06/2023

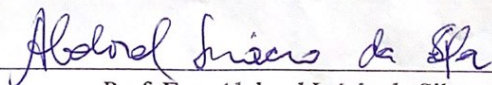
Banca Examinadora:



Profª. Dra. Ligia Regina Calado de Medeiros Nóbrega
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Profª. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
(SEECT-PB/ACAL - Examinador 1)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

*A Deus, aquele que revigora minhas
forças diariamente;*

*A todos aqueles que não desistem
de um sonho;*

PARA SEMPRE, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por ter me dado saúde e resiliência para superar os obstáculos diários.

À minha mãe Raimunda, que sempre se orgulhou da minha trajetória de sacrifícios para chegar até aqui, me incentivando a sempre ver o lado positivo e a nunca desistir.

À minha irmã Janaina que nunca mediu esforços para me ajudar nessa trajetória.

À minha colega de turma e melhor amiga, Bianca, por todo o apoio emocional e suporte acadêmico.

Aos meus amigos de um modo geral, pelo incentivo, apoio e carinho.

À minha orientadora, Lígia Calado, pelo apoio e suporte e por ter sido, desde o início, a minha fonte de inspiração dentro da academia. Uma pessoa admirável, de uma inteligência inspiradora e motivadora.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos.

RESUMO

Com o grande avanço científico e tecnológico advindos da Segunda Revolução Industrial (segunda metade do século XIX) o conceito de civilização, a julgar pelo que se lê em *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, passa a ser associado ao progresso industrial, a exemplo do ocorrido em Paris. A partir desse pensamento, preconcebe-se certa desvalorização para com os indivíduos e a vida campesina, em princípio, quando comparados à vida da cidade. Nesse cenário, os grandes centros urbanos eram vistos como sinônimo de progresso e felicidade, já o campo era associado ao atraso e à falta de intelectualidade. Neste trabalho, tivemos como objetivo principal analisar a obra, acima citada, de modo que seja exposto o contraste entre o que dela se depreende por civilização e natureza, relacionado ao universo de representação de valores atribuídos ao campo e à cidade, a fim de colaborar para a desconstrução da visão determinista de inferioridade do primeiro. Para tanto, fundamentamos a presente pesquisa principalmente nos conhecimentos de Rousseau (2004), Fortes (1996), Batista (2015) e Moisés (2018). Como metodologia de análise, esta é uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de caráter explicativo, tendo em vista que buscamos analisar e expor a visão do eixo campo/cidade em período de segunda revolução industrial. Como resultado da pesquisa, concluímos que a visão de inferioridade do campo em comparação à cidade é de base equivocada, visto que deturpada em função de teorias que influenciaram o movimento literário, como o determinismo, ainda vigente na escola literária Realismo. Os distanciamentos do personagem Jacinto em relação às próprias terras é que faziam dele, apesar de competente e letrado, um completo alheio à realidade para a qual é convidado a participar, o que mudará a partir de sua mudança de Paris para Tormes, em Portugal.

Palavras-chave: Civilização. Cidade. Campo. Instrumentação. Tecnologia.

ABSTRACT

With the great scientific and technological advances arising from the Second Industrial Revolution (second half of the XIX century), the concept of civilization, judging by what can be read in *A Cidade e as Serras*, by Eça de Queirós, becomes associated with industrial progress, an example occurred in Paris. From this thought, a certain devaluation towards individuals and peasant life is preconceived, in principle, when compared to city life. In this scenario, large urban centers were regarded as synonymous with progress and happiness, while the field was associated with backwardness and lack of intelligence. In this work, our main objective was to analyze the work cited above, as a way of exposing the contrast between what is inferred from it by civilization and nature, related to the universe of representation of values attributed to the field and the city, in order to collaborate for the deconstruction of the former's deterministic view of inferiority. Therefore, we base this research mainly on the knowledge of Rousseau (2004), Fortes (1996), Batista (2015) and Moisés (2018). As an analysis methodology, this is a bibliographical research with a qualitative approach and explanatory character, considering that we seek to analyze and expose the vision of the countryside/city axis in the period of the second industrial revolution. As a result of the research, we conclude that the view of the inferiority of the countryside compared to the city is based on a misguided basis, since it is distorted due to theories that influenced the literary movement, such as determinism, still in force in the school literary Realism. The distancing of the character Jacinto concerning his own lands is what made him, despite being competent and literate, complete unrelated to the reality in which he is invited to participate, which will change after his move from Paris to Tormes, in Portugal.

Keywords: Civilization. City. Field. Instrumentation. Technology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 EÇA DE QUEIRÓS E SUA FASE PÓS-REALISTA, EM A CIDADE E AS SERRAS	13
2.1 JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIRÓS	13
2.2 A ESCOLA LITERÁRIA E SUAS INFLUÊNCIAS DE CONCEPÇÃO	15
2.3 O REALISMO TARDIO NA OBRA A CIDADE E AS SERRAS.....	19
3 O CONCEITO DE CIVILIZAÇÃO EM A CIDADE E AS SERRAS	21
3.1 JACINTO, UM HOMEM INFLUENCIADO PELO SEU TEMPO	21
3.2 NATUREZA E CIDADE	29
3.3 O CONTRASTE ENTRE A MULHER SERRANA E A MULHER PARASIENSE, MADAME ORIOL E JOANINHA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intuito, entre outras questões, expor a questão da superficialidade conceitual encontrada em *A cidade e as Serras*, do autor português Eça de Queirós, especialmente no que se refere ao que o romance, inicialmente, apresenta como 'civilização'. A partir de uma análise da obra, que no decorrer do texto já se apresenta numa perspectiva de desconstrução da visão de inferioridade do campo, mostrando o seu contraste com a grande metrópole, Paris. Pode ser dito que, por meio de influências sociais, históricas e literárias, as visões desses dois ambientes foram construídas politicamente.

Batista (2015), autor que vai contribuir para a compreensão da visão da sociedade tanto em relação ao ambiente do campo, como ao ambiente da cidade, afirma que aquele sofre grande preconceito quando tem suas peculiaridades comparadas aos grandes centros, nascendo, assim, a ideia de que o campo está relacionado ao atraso, enquanto a cidade e a convivência urbana significavam o moderno, novo, portanto, ideal presumido para o que se concebe por eixo civilizatório.

A obra *A cidade e as Serras* é dividida em dois momentos. Em uma primeira parte, é contada a história da família de Jacinto, uma família de origem portuguesa, cujas raízes de tradição perpassam o período após Dom Miguel¹ partir de Portugal. Jacinto Galião e Dona Angelina Fafes (avós de Jacinto), pais de Cintinho (pai de Jacinto) seguem viagem e se estabelecem em Paris, lugar onde nasceu Jacinto, personagem principal, e o terceiro da geração de Jacintos. Lá ele vai viver, adquirir formação, conhecimentos científicos, bem como delimitar suas ideias e ponto de vista crítico. Inclusive Jacinto criou e defendeu a sua própria teoria no romance.

Ou seja, durante início e boa parte da obra Jacinto acreditava que apenas a ciência era responsável por gerar a felicidade humana. Sendo assim, defendia que: $\text{Suma ciência} \times \text{Suma potência} = \text{Suma felicidade}$. Sua teoria determinava que a ciência, elevada ao conhecimento que o ser humano tinha, de forma exponencial, e que era utilizado para comandá-la e desfrutar dos seus benefícios, resultaria no que para ele seria a grande felicidade humana. Em suma, quanto mais acúmulo de

¹ Dom Miguel: vigésimo nono rei de Portugal (1828-1834), terceiro filho varão de D. João VI e de D. Carlota Joaquina.

saberes científicos mais o homem seria feliz. Nesse período a narrativa se passa em Paris, e ele se cerca de todas as tecnologias e conhecimento possíveis para que pudesse comprovar a sua tese.

Na segunda parte da obra, após o/a leitor/a se deparar com nítido esgotamento social da personagem, enquanto organiza uma viagem a Portugal, todo acúmulo de tecnologia (como telefone, telégrafos, fonógrafos, elevadores, máquinas de escrever, entre outros) vai demonstrar, na narrativa, certo descompasso entre o que o personagem principal planeja e o que ele tem de fato executado no texto, levando, decerto, ao questionamento daquela equação. Em certo ponto da segunda parte da obra, a teoria citada cai por terra, pois, ao chegar à serra, Jacinto vai, ainda que de forma forçada a princípio, se desfazendo de todos aqueles apetrechos advindos da cidade, e vai percebendo o valor do campo, lugar onde era totalmente possível se viver com felicidade, e de forma bem menos cumulativa para o que materialmente supunha. Vale lembrar que, de início, Jacinto apresentava uma resistência em perceber e assumir que estaria enganado todo esse tempo em relação à sua teoria. Entretanto, após tantas provas contrárias daquilo que ele buscava, Jacinto acaba cedendo e aceitando a inaplicabilidade da sua tese.

Alguns movimentos literários podem ser estudados em revista para que se possa compreender melhor a obra. Na obra de Eça, período de sua terceira e última fase (ano seguinte à publicação de *Os Maias*, até 1900, ano de sua morte) e momento de revolução industrial (segunda metade do século XIX), a cidade vai ser exposta, na primeira parte da obra, de forma a mostrar as qualidades e os benefícios trazidos pela tecnologia, e isso ocorre justamente para que possa ser feita a grande crítica ao acúmulo e à superficialidade social, mais tarde tratada na obra. Na segunda parte da obra os papéis se invertem e passa a ser mostrada a realidade dos dois ambientes. A cidade vai sendo apresentada não somente com seus pontos positivos em decorrência da segunda revolução industrial, mas também com todas as consequências advindas desse período. Já o campo, por sua vez, passa a ter suas qualidades expostas de forma mais otimista, e para a grata surpresa de Jacinto. Consequentemente, essa inversão de ideias pode ser vista não só em relação ao ambiente geográfico, mas se estende ao modo de vida e às pessoas, em especial as mulheres. Inicialmente, a narrativa faz contraste entre as mulheres do campo e as mulheres da cidade, tendo em vista que as mulheres camponesas eram associadas somente ao trabalho manual, e não apresentavam uma aparência de cuidado. Já as

mulheres dos grandes centros eram vistas, muitas vezes, como indispensáveis na vida contemplativa dos homens de Paris.

Para uma melhor análise dessa obra buscaremos respostas para a seguinte indagação: até que ponto a superficialidade da cidade é determinante para a representação do contraste campo/cidade, na obra *A cidade e as serras*?

O intuito será mostrar à luz do romance estudado que o ambiente e tudo aquilo que acontece na sociedade pode influenciar o homem, e um exemplo disso é a grande variedade de apetrechos tecnológicos, decorrentes da industrialização no século XIX, que rodeavam o personagem principal da obra, e que colaborou para o pensamento deste. Como já foi dito, no início da narrativa, para ele a tecnologia gerava o ápice da felicidade, e logo depois como a vida rural vai influenciá-lo a tornar-se uma pessoa com atitudes e pensamentos novos.

Esse tema se mostra de importância para os estudos acerca da obra referida. E a análise contribuirá para auxiliar pesquisadores e professores da área da literatura no que se refere à análise dentro do eixo sociocultural que distingue polarização semântica entre os conceitos campo e cidade; bem como perceber a mudança da visão em relação a esses dois ambientes nos movimentos literários.

Dentro de alguns movimentos literários podem ser observadas características semelhantes, mas que vão se distinguir de acordo com a sua finalidade estética. No Arcadismo há o chamado *Fugere Urbem*², que é, justamente, a busca pela vida simples no campo, fugindo dos centros urbanos. É perceptível que no Arcadismo há uma pré-romantização do campo, visto como lugar perfeito; no Romantismo a valorização do campo está diretamente ligada aos problemas urbanos e não às potencialidades daquele; no Realismo qualquer romantização é extinguida e o campo passa a ser visto não somente pelo seu ambiente de refúgio, agradável e simplório, mas com todas os seus defeitos, como a desigualdade social que é tema tratado na obra de Eça de Queirós.

Este trabalho objetiva analisar, como já foi dito, o conceito de civilização na obra *A cidade e as serras*. Busca também reforçar a perspectiva de desconstrução da visão de inferioridade do campo mostrada na primeira parte da obra. Além de expor a questão da superficialidade social tratada, constantemente, por Eça de Queirós, e

² "Fugere Urbem: expressão latina que significa "fugir da cidade". Para os líricos, no Arcadismo, a cidade era um ambiente de corrupção, portanto, não era ideal para viver, dessa forma, havia a fuga dos indivíduos urbanos para os ambientes rurais, justamente para que fossem revigoradas as forças.

destacar a visão campo/cidade nos movimentos literários Arcadismo, Romantismo e Realismo/Naturalismo, para mostrar, a partir da análise da obra, por fim, que os dois ambientes (campo e cidade) têm suas peculiaridades e benefícios.

A escolha desse tema se deu, primeiramente, no momento em que comecei a cursar a disciplina Literatura Portuguesa. As obras apresentadas e as discussões sobre a literatura de Portugal passaram a me encantar e me instigar a buscar e conhecer mais a respeito. Durante a disciplina, foram produzidos seminário e artigo da obra em questão, dessa forma, foi possível estabelecer essa conexão. Outro ponto que influenciou a escolha foi a ocasião de trabalhar a temática campo e cidade, que me possibilitou a oportunidade de refletir e expor a realidade desses dois ambientes, mostrando as qualidades e o que deixa a desejar em cada um deles.

Este trabalho está fundamentado principalmente nos aportes teóricos de Rousseau (2004) e Fortes (1996), que vão explicar o processo de influência sofrido pelo ser humano, destacando quais fatores são contribuintes para essa influência e de que forma eles vão agir na vida do indivíduo desde o seu nascimento. Essas influências tratadas pelos autores se dão por meio, principalmente, do espaço geográfico e das tradições e crenças impostas pela sociedade.

Batista (2015), que vai expor a visão da sociedade em relação aos ambientes campo e cidade, contribuindo para desconstruir a associação da urbanização ao processo civilizatório, a fim de mostrar que ambos são espaços distintos, mas que se completam inclusive pelas diferenças que possuem.

Moisés (2018), que vai colaborar para o entendimento da visão campo e cidade nos diferentes movimentos literários, nos situando no tempo de acontecimento de cada um, bem como irá colaborar para o entendimento da forma de escrita pós-realista do autor Eça de Queirós, em *A cidade e as serras*.

Para a produção deste trabalho foram realizadas pesquisas de natureza bibliográfica. Esse tipo de pesquisa se insere no meio acadêmico e busca aprimorar e atualizar conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas. De acordo com Andrade (2010), para a realização da pesquisa científica é necessário iniciar pela pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador faz um levantamento de obras já publicadas que possam contribuir para o seu trabalho. Tal pesquisa contribui para a escolha do problema e de um método adequado, de acordo com as contribuições de outros pesquisadores, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados.

A pesquisa também se realiza aqui de forma qualitativa, pois trouxe contribuições no campo da análise literária. Pereira (2011) diz que a pesquisa qualitativa se preocupa tanto com a compreensão, como com a interpretação do objeto em estudo; impondo ao pesquisador tanto uma abordagem científica quanto técnica. Ela também é descritiva, pois, segundo Pereira (2011), se preocupa em apresentar as características do objeto de estudo, no caso deste trabalho, a obra em apreciação.

Essa pesquisa, por fim, foi organizada em três capítulos. O primeiro aborda aspectos introdutórios do trabalho como a indagação responsável por guiar as discussões aqui tratadas, apresenta a hipótese, a justificativa, os objetivos gerais e específicos, a bibliografia básica e a metodologia que foram utilizadas para que a pesquisa fosse então trilhada.

O segundo capítulo versa sobre a fase pós-realista de Eça de Queirós, abordando a sua bibliografia, bem como as três fases que justificam a mudança de sua escrita durante o movimento literário Realismo/Naturalismo; apresenta as escolas literárias e a visão sobre a temática campo e cidade, em cada uma delas, e o realismo tardio de Eça de Queirós retratado em *A Cidade e as serras*.

No capítulo três, é feita uma análise a respeito do conceito de Civilização na obra; como o personagem principal se mostra um homem influenciado pelo seu tempo e qual a sua visão em relação ao campo e cidade nas duas partes da obra; bem como será tratada a oposição entre a mulher serrana e a mulher parisiense.

2 EÇA DE QUEIRÓS E SUA FASE PÓS-REALISTA, EM *A CIDADE E AS SERRAS*

2.1 JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIRÓS

José Maria Eça de Queirós nasceu em 25 de novembro de 1845, na província de Póvoa de Varzim, Portugal. Aos 16 anos, foi cursar direito na Universidade de Coimbra, ligando-se à geração acadêmica entusiasmada com ideias de Proudhon e de Comte, onde ficou amigo do poeta Antero de Quental, e iniciou sua carreira literária, publicando as *Prosas bárbaras* (1905). “Durante a Questão Coimbrã³, mantém-se à margem, como simples espectador” (MOISÉS, 2008, p. 263). Doente, Eça de Queirós morreu em Paris, em 16 de agosto de 1900.

Entre as obras de Eça há publicações de romances, contos, participação no jornalismo, na literatura de viagens e hagiografias. O autor publicou os romances: *O Mistério da Estrada de Cintra* – com a colaboração de Ramalho de Ortigão (1871); *O crime do Padre Amaro* (1875); *O Primo Basílio* (1878); *O Mandarin* (1879); *A Relíquia* (1887); *Os Maias* (1888); *A Ilustre casa de Ramires* (1900); *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900); *A Cidade e as Serras* (1901); *A capital* (1925); *O Conde d’Abranhos* (1925); *Alves e Cia* (1925).

As obras são divididas em três fases. A primeira pode ser identificada a partir da publicação de artigos e crônicas publicadas entre 1866 e 1867, na Gazeta de Portugal. Essa fase é caracterizada como a “[...] fase de indecisão, preparação e procura, dum escritor ainda jovem e romântico, à mercê de uma heterogênea influência, especialmente de origem francesa, tendo à frente Baudelaire e Gérard de Neval” (MOISÉS, 2008, p. 264). Deve ser levado em conta que, do ponto de vista literário, essa fase do escritor, em estágio primário, é a menos importante da carreira de Eça, já que sua escrita teve influência romântica.

De acordo com Moisés (2008), com a publicação de *O crime do Padre Amaro* (1875), e após algumas revisões, em 1880, Eça inicia sua segunda fase, passando a escrever de acordo com as ideias em voga, obras de combate às instruções vigentes, à monarquia, à igreja, à burguesia, e de ação à reforma social. Sendo assim, os

³ Questão Coimbrã: início da renovação literária e ideológica promovida por um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra, tendo como líder Antero de Quental. O movimento tenha como intuito lutar contra a estética romântica.

escritos do autor naquele período podem ser vistos como compromissados com os princípios da geração de 70, pois:

[...] valem como flagrante, embora deformado, retrato da sociedade portuguesa sua contemporânea, erguido em linguagem original, plástica, já impregnada daquelas qualidades características do seu estilo: naturalidade, fluência, vigor narrativo, precisão, oralidade, repúdio às soluções retóricas exageradas. (MOISÉS, 2008, p. 265).

Em razão disso, Eça utilizava uma certa sutileza ao usar um lirismo melancólico, bem como a sátira e a ironia, conseguindo, a partir da crítica, gerar incômodo e irritação na sociedade da época, uma vez que, a partir de suas obras, o autor denunciava a hipocrisia e as desigualdades que permeavam as mazelas sociais, retratando exemplos característicos daquela comunidade.

Nos anos seguintes à publicação de *Os Maias* (1888), Eça entra em sua terceira fase, durando até o ano de sua morte (1900). Nesse período, ele deixa vaziar certo pessimismo finissecular e a crítica pesada e zombeteira vai cedendo espaço a um novo ciclo em arte, que dura até o ano de sua morte (1900).

[E] alcançando a maturidade, o escritor resolve uma obra de sentido construtivo, fruto da consciência de ter investido inutilmente contra o burguês e a família. Ao derrotismo e pessimismo analítico da etapa anterior, sucede um momento de otimismo, de esperança e fé, transubstanciando em idealismo não mais científico, mas tendo por base o culto dos valores rechaçados. (MOISÉS, 2008, p. 266).

Segundo Saraiva e Lopes (2008), ainda, nos últimos anos de vida Eça de Queirós publicou contos que se voltam para uma abordagem da problemática referente ao homem em sociedade, tema dos mais presentes e interessantes do autor. Inclusive há um conto dele, cuja titulação já denuncia esse interesse, “Civilização” (1892), e de onde parte a narrativa para realizar, obviamente com mais complexidade, o romance *A cidade e as Serras* (1901).

O traço dominante da escrita de Eça de Queirós é, justamente, a crítica recorrente à civilização urbana. O tema inicialmente foi apresentado no conto *Civilização* (1892), sendo ele ponto de partida para a criação da obra *A Cidade e as Serras*. A crítica se faz justamente pela valorização do consumo e do acúmulo desnecessário e ilusório, ao desenvolvimento parisiense que acabara por contribuir

para o aumento do quadro de desigualdades. Em oposição a essa crítica, Eça de Queirós no romance aqui analisado, ressalta a bucólica portuguesa.

A obra em estudo é fruto dessa passagem de uma escrita voltada para a utilização da ironia zombeteira como forma eficiente de combate aos problemas sociais para um período de superação da forma irônica em abordar tais males. Ela é fruto da terceira fase do escritor, considerada como pós-realista, em que ele usa a ironia para mostrar os problemas sociais e a burguesia, como forma de conscientização. O autor, inicialmente, vai associar a verdadeira felicidade à vida na civilização, e está aí a sua grande crítica, dizer exatamente o contrário daquilo que se quer, realmente, afirmar. Publicada postumamente, em 1901, o romance faz uma “crítica à <<civilização>> urbana, o desenvolvimento parisiense, redundante e dispersivo deste conto” (SARAIVA; LOPES, 2008, p. 884). Eça de Queirós vai criticar a alta burguesia e as atividades sociais cumulativas e, em sequência, vai exaltar a vida bucólica portuguesa. Nas preliminares encontradas na obra, há a advertência de que a partir de determinada parte do livro, até o final, as provas do livro não foram revistas pelo autor, que acabou morrendo antes de ter dado a essa parte da obra a sua costureira última demão, sendo assim, coube a seu amigo José Duarte Ramalho Ortigão publicá-la.

2.2 A ESCOLA LITERÁRIA E SUAS INFLUÊNCIAS DE CONCEPÇÃO

O meio social e geográfico em que estamos inseridos pode influenciar o pensamento e as ações do homem, assim como cada movimento literário, de determinado século, sendo isto um ponto de influência para o pensamento e as manifestações literárias de cada período. Ou seja, a partir dos movimentos literários, teremos visões diferentes, em determinados âmbitos, inclusive no que se refere ao eixo campo/cidade. Moisés (2018) comenta algumas características desses movimentos literários, fazendo-nos perceber mudanças significativas entre um movimento e outro.

No Arcadismo (1756 – 1825), Moisés (2018) aponta como características, principalmente, a valorização do campo como lugar perfeito para se viver, para regozijar-se, diferentemente da cidade que era considerada um lugar que modifica o

ser humano, com toda a sua corrupção e futilidades que acabam enfraquecendo o homem.

Já no Romantismo (1825 – 1865), momento de insatisfação e de transformação econômica, política e social (Revolução Francesa, Guerras Napoleônicas e Revolução de 1830 e 1848), Moisés (2008) destaca como principais características: subjetivismo, culto da saudade, o sabor agridoce do exílio, a melancolia, a solidão, as ruínas, etc. Nesse período, observa-se ainda o amor pela pátria e a exaltação da natureza, assim como o exagero da melancolia, o amor ao extremo, etc. Batista (2015) explica que nesse período o campo passou a ser valorizado não somente pelas suas qualidades, e sendo assim, o que se percebe é uma idealização homogênea, pois essa valorização se dava mais em razão dos problemas que a cidade enfrentava, do que pelo seu potencial.

Todo o exagero de sentimentos dessa época vai ser combatido no movimento seguinte e contrário ao Romantismo, o Realismo/Naturalismo. Rousseau em seu texto *Ambição*, mostrado por Fortes (1996), diz que:

Assim que estive em condições de observar os homens, olhava-os fazer e os escutava falar; depois, vendo que suas ações não se pareciam com seus discursos, buscava a razão dessa dissemelhança e encontrava que ser e parecer, sendo para eles duas coisas tão diferentes quanto agir e falar [...]. (FORTES, 1996, p. 14).

Para Rousseau a linha tênue entre ser e parecer era contraditória, pois nem sempre as atitudes humanas condiziam com seus pensamentos. No Romantismo pode ser observada essa contradição no que tange à questão do amor em exageros, por exemplo. Os indivíduos daquele período exaltavam seus amores excessivos, demonstravam um sofrimento exagerado, no entanto, algumas vezes, esse amor acabava se tornando motivo de desgraças, a partir de uma vida boêmia ou do suicídio. Para o desesperançado, esses eram os dois caminhos possíveis, de modo que a insatisfação e o desajuste do romântico são vistos nele como característicos. Nesse cenário, o romântico rejeita as ações impostas pela sua razão para aderir às fraquezas emocionais.

No Realismo/Naturalismo (1865 – 1890), movimento literário a que pertence a obra em foco, a busca distancia-se do devaneio romântico. Na Europa, segunda metade do século XIX, estava acontecendo a Segunda Revolução industrial, em que o pensamento do homem desse período entrega algo de compreensão realista. Nessa

época houve a presença marcante do objetivismo e do cientificismo, e, conseqüentemente, do racionalismo, deixando de lado o sentimentalismo dos românticos para dar enfoque ao materialismo e negação dos sentimentos. Outra característica marcante era a reação à monarquia e ao clero, dessa podendo ser percebidas críticas sociais mais aprofundadas. Já no que se refere ao campo/cidade, com o avanço industrial e tecnológico da época, o campo não mais é visto como lugar perfeito, pois ao invés de serem descritas somente as paisagens campesinas, como ocorria no Arcadismo, o que vai estar também em foco são as críticas no que se referem a desigualdades e a desvalorização do campo. No caso de *A cidade e as serras*, por exemplo, e tendo em vista que Paris avançava tecnologicamente muito mais rápido do que Tormes, região serrana, isso gerava uma suposta supremacia dos indivíduos de Paris em relação ao modo de vida serrano.

Para melhor entender o ponto de vista pós-realista de Eça, se faz necessário entender e analisar o conceito de Utopia. Cossio (2014, p. 23), ao analisar o pensamento de Pierre-Joseph Proudhon, a partir do conceito de utopia, formula a sua hipótese de que, “o pensamento político do século XIX tenha sido o momento em que o conceito deixa de ser principalmente a projeção de um mundo ideal [...] e passa a se concentrar predominantemente no sentido de ciência social”. O autor nos leva a interpretar o termo utopia como a possibilidade de uma sociedade muito mais preocupada com o seu funcionamento coletivo, visando gerar atitudes que beneficiem todos os indivíduos de uma comunidade. A partir do entendimento da realidade é que podem ser analisadas melhores condições de melhorias para o futuro. Sendo assim, a maior característica da utopia passa a ser, justamente, o descontentamento com determinada situação vista na sociedade, e em consequência desse incômodo, surgem soluções e possibilidade de melhoramento futuro. Cossio (2014) explica que nesse momento surge a crítica e, posteriormente, o projeto.

A utopia está ligada não necessariamente e somente a uma fantasia de um mundo perfeito, mas também a uma sociedade com a possibilidade de uma mudança positiva. Essa possibilidade de mudança, em primeiro momento de determinado período da história (principalmente no século XVI e XVII), segundo Cossio (2014), vem sendo transferida, ou seja, ela é vista como distante e em lugares que remetem à paz e a um sentimento de perfeição. No Pós-Realismo essa utopia se concentra no que se refere ao capitalismo industrial, ao desenvolvimento da ciência e ao progresso tecnológico. Sendo assim, o que antes era visto apenas como mero delírio se torna

em esperança de uma realidade concreta a partir dos avanços que chegavam à sociedade do século XIX.

Vale refletir sobre as melhores condições de vida da sociedade, levando em conta a coletividade e a realidade europeia no século XIX retratada na obra. Os maiores beneficiados em decorrência do avanço industrial, técnico e científico era a massa burguesa. A classe trabalhadora vivia em condições totalmente diferentes daqueles que tinham a oportunidade de usufruir de todos esses avanços já citados. Eça usa justamente a crítica para que haja uma reflexão daquilo que estava sendo considerado como avanço, mas que deixava a desejar para grande parte dos indivíduos daquela sociedade.

Além dos movimentos literários, vale buscar alguns pensamentos advindos da teoria determinista (HIPPOLYTE TAINE, 1828 – 1893). Vieira (2017, p. 158 – 159) é um autor que explica as manifestações literárias na perspectiva do tempo e espaço, expõe que:

[...] cultivou-se, a partir da segunda metade do século XIX, uma historiografia positivista, calçada em um evolucionismo biológico (Herbert Spencer) e em uma “sociologia determinista” (Hippolyte Taine), que abordava os textos pelas perspectivas dos estudos do clima, das raças e do meio. Essa historiografia cientificista só começou a ser superada a partir da década de 1940, quando os estudos literários passaram a acatar as novas orientações teóricas e os novos pressupostos críticos que foram se forjando nos Estados Unidos e na Europa desde o advento do Formalismo Russo (1910 – 1930).

Hippolyte Taine defendia que o ser humano a partir do clima, das raças e do meio era influenciado e modificado, logo, as ações externas à ação humana influenciavam a ação dos indivíduos, ou seja, havia a interferência do mundo, ou de fatores externos nas ações humanas. Taine, após diversos estudos avançados, começou a perceber que os seres humanos têm alguns fatores que acabam afetando e/ou determinando a sua vida e ações. Uma dessas influências era a raça, incluindo uma hereditariedade como influência. O meio também era um influenciador, ou seja, o meio ambiente e o meio social eram pontos importantes dessa influência. A influência a partir do meio social se dava em forma de crenças, tradições, política, economia, entre outras. E em *A cidade e as serras* percebe-se essa influência mais fortemente no que se refere ao meio geográfico e social.

2.3 O REALISMO TARDIO NA OBRA *A CIDADE E AS SERRAS*

Em oposição ao Romantismo, surge o Realismo, momento em que o autor de *A cidade e as Serras*, Eça de Queirós, participa desse movimento cultural e estético cujo início se dá na segunda metade do século XIX, originariamente na França. Eça de Queirós, na conferência *O realismo como nova expressão de arte*, fala sobre esse novo movimento que vinha surgir. Buscava uma revolução, tanto na vida social, como na ciência, e para que isso viesse a acontecer, se fazia necessário considerar a literatura como um produto social, como afirma Moisés (2018). Dessa forma, Eça critica a estética romântica e passa a defender a racionalidade do Realismo, já que no Romantismo era cultivado o sentimento em que sempre era exaltado o belo ideal. Posto isto, e em contraposição ao caráter romântico, o Realismo/Naturalismo vem mostrar o “real” com intenção mais próxima do “acontecido”, ou a “verdadeira” face do homem, exposta, desta feita, no homem real e falho.

O Realismo em *A Cidade e as Serras* é considerado tardio justamente pelo fato de Eça de Queirós, em sua terceira fase, deixar de lado a crítica pesada, em que ele usava a ironia em forma de ridicularização, para adotar uma criticidade democrática, com a exaltação de fatores como progresso, pequenos camponeses, classe operárias. Ou seja, a crítica vai permanecer, no entanto, é uma crítica mais amena, tendo em vista que já poderia ser observado, nesse período, uma aproximação do movimento que viria a surgir após o Realismo em Portugal, o Simbolismo, o que vai justificar também o pessimismo e a ridicularização do materialismo exposta por Eça de Queirós em *A Cidade e as serras*.

Algumas características do Realismo estão muito presentes na obra *A cidade e as Serras*, entre elas o foco nos temas sociais, preocupação com o psicológico das personagens, melhor descrição da realidade. Na literatura realista e na obra em questão há um aspecto interessante, que é o fato de a literatura retratar, em personagens, as atitudes e características humanas de forma a aproximar-se bem da realidade, deixando de lado as narrativas em que priorizavam a presença de um herói, a fim de romantizar os romances. Ou seja, Eça de Queirós conseguia abordar os problemas humanos: fraquezas, inseguranças, preconceitos, psique, em outros termos, aqueles sentimentos que tinham o poder de fazer o ser humano sentir-se

vulnerável, mas que eram, sem dúvida alguma, de extrema importância para a nova abordagem em Literatura.

Para início de análise e uma melhor compreensão da obra, por sua vez, se torna necessário destacar algumas das personagens que aqui serão citadas. Como foco principal, temos a personagem protagonista Jacinto, que foi, a partir de suas atitudes na narrativa, instrumento para expor as críticas de Eça de Queirós, fazendo-se um espelho da sociedade daquela época. Jacinto vinha de uma família com posses, então ele já nasceu em meio a condições de vida favoráveis e, conseqüentemente, vai estar adaptado ao lugar onde vivia (Paris), considerado aquele estilo de vida e sociedade “superiores”. Era um homem com sede de conhecimento, queria justificar tudo a partir da ciência, como se ela fosse a única responsável pelo progresso e felicidade humana, como já mencionado anteriormente.

José Fernandes é aquele que, a partir da sua percepção, conta ao/a leitor/a toda a trajetória de Jacinto, desde a volta do narrador a Paris. Ambos se conheceram na Universidade, porém, José Fernandes em dado momento precisa voltar às serras para assumir o lugar do seu tio nas terras de sua família e isso acabou afastando os dois amigos por algum tempo. Ao voltar a Paris, José Fernandes encontra Jacinto modificado, e é nesse momento que ele começa a narrar suas impressões sobre o amigo e sobre a Sociedade para a qual ele se voltou.

Ademais, que não seja esquecido o Grilo, considerado um escudeiro de Jacinto, ou uma espécie de encarregado do protagonista, estando em vários momentos presente nos acontecimentos da vida dele. Nessa condição de escudeiro fiel, é o Grilo quem percebe os primeiros sinais de esgotamento de Jacinto. José Fernandes, após sondar o comportamento do amigo Jacinto, acaba consultando o Grilo e chegando a mesma conclusão que ele. “Uma noite no meu quarto, descalçando as botas, consultei o Grilo: - Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... que será, Grilo? O venerado preto declarou com uma certeza imensa: - Sua excelência sofre de fatura.”. (QUEIRÓS, 2017, p.62). Fica ainda mais nítido para o narrador, após essa conversa específica, que realmente era a fatura o que acabara por mudar o semblante e a anergia de Jacinto, o que vai justificar a importância da personagem Grilo para a obra.

3 O CONCEITO DE CIVILIZAÇÃO EM A CIDADE E AS SERRAS

O presente capítulo versa sobre o conceito de Civilização e a sua significação em momento de segunda revolução industrial (século XIX) na sociedade europeia, e como isso influenciou a visão em relação à geografia e aos indivíduos, em especial as mulheres. Será ponto de debate nas duas partes da obra para que sejam analisados os comportamentos da personagem principal, bem como a sua mudança em relação a atitudes e pensamentos.

3.1 JACINTO, UM HOMEM INFLUENCIADO PELO SEU TEMPO

Com as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XIX, a sociedade parisiense vivenciava toda uma modificação, em consequência da chegada da industrialização e das novas tecnologias advindas dela, por isso, o personagem principal vai defender que o homem só alcançaria a felicidade plena se estivesse rodeado de tecnologia e conhecimento, tornando-se um civilizado, vale repetir. Nessa perspectiva, vale perceber igualmente qual é o conceito de civilização, aqui apreciado, e o que esse significa para a sociedade europeia que o adotou no século XIX.

Aquino (2012, p. 14) vem colaborar para o entendimento desse conceito em tela, quando afirma, e levando em conta a definição do dicionário, que:

o conceito de civilização, comumente, está associado à noção de progresso. Portanto, sob esta perspectiva, civilização corresponderia a um processo evolutivo vivenciado pela sociedade, em que os sujeitos deixariam um estágio considerado inferior, em direção a um estágio classificado como superior. Desta forma, esta interpretação dotada de uma carga visivelmente valorativa, supõe que as sociedades ao longo do processo histórico caminhariam em uma direção avaliada como melhor. Por outro lado, segundo estas definições, o significado de civilização pode dizer respeito tanto ao coletivo de indivíduos de uma nação, quanto pode estar associado ao termo “cultura” e, no sentido dado pelos dicionários, se referir ao conjunto de valores e crenças de determinado povo.

Como se vê, o conceito de Civilização pode ser associado tanto a um conjunto de valores e práticas realizadas por uma comunidade, como ao processo de evolução de um povo. Esta segunda definição delimita que a sociedade que acompanhasse os

avanços, evoluindo ao passo dessas mudanças, era, geralmente, considerada como civilizada. Ainda nessa linha de raciocínio, pode ser defendido que nenhum povo se tornaria incivilizado, tendo em vista que cada comunidade evolui de formas e tempos diferentes. O que deve ser observado é que, nessa lógica, alguns grupos parecem se tornar mais “civilizados” que outros se considerarmos a evolução e as suas mudanças em sociedade. Entretanto, isso não significa afirmar que uma sociedade seja melhor ou pior ao passo que não acompanhassem essas mudanças.

Levando em conta a visão do conceito de Civilização supracitado, vale confirmar que no século XIX, período em que ainda se estendia a Revolução Industrial iniciada no século XVIII, esse conceito estava diretamente ligado ao processo evolutivo gerado pela Revolução ocorrida no período. No século XIX era cultivado a valorização do cientificismo, dessa forma, o conceito de civilização, nesse período, passa a corresponder a uma cultura voltada para o conhecimento científico e para a industrialização. Conseqüentemente, a comunidade que acompanhasse esses avanços trazidos pela ciência, e que gerasse um rápido crescimento industrial e técnico era, diretamente, associada a uma sociedade civilizada.

A partir desse ponto de vista, e levando em conta a problematização que aqui nos interessa, Batista (2018) nos apresenta a forma como o campo era visto em comparação aos ambientes considerados mais avançados tecnologicamente:

Considerando-se a questão etimológica, há relações entre as palavras cidadão, civilidade e cidade. Civilidade, civilização e civilizar são conceitos que denotam qualidades de polidez, cortesia, boa educação, e estabelecem hierarquias legitimando a superioridade dos cidadãos – moradores das cidades – sobre os demais – os rústicos, rudes, a plebe e o campesinato – no sentido de representar o alto grau de evolução social de um grupo ou sociedade e a ação transformadora do barbarismo à civilização. (BATISTA, 2015, p. 104).

A visão da sociedade em relação a esses dois ambientes é influenciada pelo meio social, gerando assim um pré-conceito. Dessa forma, a vida no campo (rural) é associada ao atraso, à rusticidade, à falta de informação, entre outros equívocos, já a cidade (urbano) é associada ao progresso, ao novo e moderno e, portanto, “superior”. Batista (2015) ainda explica que, a partir da industrialização e urbanização, cultivou-se o pensamento de que o motivo pelos quais algumas pessoas não haviam migrado para as cidades era atribuído ao fato de que elas não possuíam o intelecto ou

capacidade suficiente para trabalhar em fábricas ou outros estabelecimentos urbanos, assim, permanecendo no ambiente rural.

Torna-se essencial entender, por outro lado, que as pessoas que permaneciam nos campos tinham motivos plausíveis como a produção agrícola e o privilégio de viver um modo de vida calmo e leve. É preciso levar em conta que os dois ambientes aqui discutidos são espaços de produtividade e vida, por isto a defesa de importância da permanência dos indivíduos rurais. O que pode ser visto, segundo o autor, é uma complementariedade desses dois ambientes que se integralizam, justamente, pelas suas diferenças.

Nessa linha de pensamento sobre o conceito de Civilização, aqui já citado, o protagonista Jacinto cria a sua tese, ou melhor dizendo, uma fórmula para a total felicidade. Vale lembrar que nesse ponto de vista, o conceito de civilização/civilizado está associado, justamente, ao mundo urbano que adquiria, de forma rápida as mudanças científicas.

Para uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de cidade, duma enorme cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por 3 mil caixeiros; e de Mercados onde se despejam os vérgéis e lezírias de 30 mil províncias; e de Fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de bibliotecas abarrotadas, a estalar, com a papelada dos séculos; e de fundas milhas de ruas, cortadas, por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila atroante dos ônibus, tramas, carroças, velocípedes, calhambeques, parelhas de luxo; e de 2 milhões duma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da polícia, na busca dura pelo pão ou sob a ilusão do gozo – o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!” (QUEIRÓS, 2017, p. 15).

A civilização, para Jacinto, estava diretamente ligada aos grandes centros urbanos, com toda a tecnologia que fazia funcionar a cidade e que mantinha todas as regalias adquiridas pelas famílias burguesas. O que não era tão levado em conta pelo protagonista era como estava sendo mantido todo o funcionamento de Paris, o que tinha por trás do seu tão elogiado telégrafo, dos armazéns lotados pela classe trabalhadora e tudo aquilo que transformava aquele lugar em uma Civilização, como era defendido por Jacinto. Havia muita coisa desprovida de beleza para que fosse mantida a bela e rica Civilização, como a mão de obra barata, os indivíduos que se

sacrificavam mantendo a grande Paris, para que pudessem ganhar o pão de cada dia, além de todos os mecanismos que estavam por trás do funcionamento de palacetes regados ao luxo.

Nesse cenário, uma comunidade considerada “civilizada”, acompanhando os avanços daquele século, deveria cercar-se de todas as novidades tecnológicas que vinham chegando, a fim de alcançar o desejado progresso. Rousseau (2004) defende que o ser humano nasce em uma essência boa e pura, sem perversidade original no coração, no entanto, desde o seu nascimento ele passa a ser afetado por tudo aquilo que o cerca. Essa influência nos faz tomar consciência de nossas sensações, nos permitindo escolher qual realidade nos agrada:

Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois, conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá (ROUSSEAU, 2004, p. 10).

Sendo assim, pode ser dito que, ao procurar os objetos citados pelo autor, passamos a separar aquilo que acreditamos nos trazer felicidade ou o contrário, podendo assim, evitar ou abraçar as sensações que esses nos trazem. Na obra, pode ser notado tudo aquilo que o personagem principal julgava como essencial para a sua felicidade, como a tecnologia, aqui já citada, se cercando desse necessário. Ao afirmar que o homem não possui perversidade primitiva, Rousseau corrobora para o pensamento de que o homem, a partir do momento que passa a ter capacidade intelectual, ele pode sabotar sua essência benevolente, transformando-se, mesmo que temporariamente, um pouco de tudo que o cerca.

Jacinto reflete na narrativa essa influência, tanto na primeira, quanto na segunda parte da obra, tendo em vista que vários fatores o rodeavam, como os objetos que ele tinha à sua disposição, os lugares que ele frequentava e as pessoas de classe alta que eram de seu círculo de relacionamentos. Em primeiro momento, desde o seu nascimento, ele foi influenciado pelo seu meio, ou seja, Jacinto já nascera na grande Paris, com boa condição financeira e, logo depois, ele se deixa influenciar pelo ambiente e por toda a tecnologia à sua disposição na grande cidade.

Na obra pode ser vista a questão da influência pelo meio social a partir da rotina da personagem principal, em que ele cumpria uma série de tarefas diárias como sendo uma obrigação, e não vivendo normalmente como deveria ser. José Fernandes, para falar das tarefas diárias de Jacinto, diz que:

Todas elas se prendiam à sua sociabilidade, à sua civilização muito complexa, ou a interesses que o meu príncipe, nesses sete anos, criara para viver em mais consciente comunhão com todas as funções da cidade (Jacinto com efeito era presidente do Clube da *espada e alvo*; comanditário do jornal *O Boulevard*, Diretor da *Companhia dos Telefones de Constantinopla*; sócio dos *Bazares unidos a Arte Espiritualistas*, membro do *Comitê de Iniciação das religiões Esotéricas*, etc.). Nenhuma destas ocupações parecia porém apazível ao meu amigo – porque, apesar da mansidão e harmonia dos seus modos, frequentemente arremessava para o tapete numa rebelião de homem livre aquela agenda que o escravizava. (QUEIRÓS, 2017, p. 28, grifos do autor).

A rotina imposta todos os dias à personagem principal demonstrava um certo aprisionamento, pois ele estaria cumprindo aquelas tarefas justamente para manter as aparências perante a sociedade burguesa. No momento em que José Fernandes se refere a Jacinto como um homem livre, fica perceptível o esgotamento da personagem principal, que passava uma visão de cansaço mental. O descontentamento mostrado na obra em relação a Paris foi vivido também por José Fernandes, que somente em partes, fora seduzido pelos avanços descobertos. E em determinado momento ele questiona a necessidade de tais avanços urbanos e as consequências trazidas por eles: “Certamente, meu príncipe, uma ilusão! E a mais amarga, porque o Homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. [...]. Na cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado [...]”. (QUEIRÓS, 2017, p. 65).

Ao longo da passagem do narrador em Paris ele vai observar essas consequências do tão almejado progresso, tendo em vista que em sua chegada ele encontrou seu amigo Jacinto exausto, vivendo de forma automática para cumprir suas obrigações como membro de uma sociedade burguesa. Uma vida bem apetrechada, uma alma que acreditava que a felicidade seria suprida a partir da aquisição de bens materiais, este era Jacinto, um ser ainda enganado com seus próprios sentimentos. Jacinto agora transparecia seu semblante exausto, como se faltasse algo, uma peça.

Perante o impasse de Jacinto, se torna necessário também destacar aqui a necessidade da classe social na qual ele estava inserido, de enxergar-se como os indivíduos mais civilizados de Paris e, por isso, tanta tecnologia, bens materiais e as mais recentes invenções que cercavam essas pessoas. Isso expressa, de forma nítida, uma das grandes críticas do autor em relação ao excesso. Vale também ressaltar o quanto o protagonista valorizava o conhecimento, que, por vezes, era ressaltado por ele como aquilo que o ser humano tem de mais poderoso.

Nesse ponto de vista em relação aos cumprimentos de ritos e praxes, anteriormente citados, vale falar sobre a influência do meio sobre o homem. Paris cada vez mais tecnológica e científica, conseqüentemente, gerava cidadãos mais tecnológicos e adeptos à ciência, em comparação aos indivíduos da serra, que acabaram por se tornar pessoas menos adeptas às novas práticas. Em Paris, a população adaptava-se a elas e a nova geração já nascia em meio a essa influência. Isso não significa que o campo seja sinônimo de atraso por não acompanhar essas mudanças, mas sim que cada ambiente se modifica de sua forma, seja ela mais rápida ou mais lenta.

Já no que se refere ao campo, pode ser observado um grande equívoco no que diz respeito à visão que é dada ao contraponto campo/cidade. Na obra, o narrador fala sobre a visão que Jacinto tem do campo, ressaltando a sua opinião de que “toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade. Nesses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora” (QUEIRÓS, 2017, p. 16). Ou seja, para ele, o homem campestre era sinônimo de falta de intelectualidade e de que duas funções tinham em comum com vegetais e animais, a nutritiva e a de procriar. Jacinto, nesse momento, se mostrou sem interesse algum em reconhecer a intelectualidade dos indivíduos que ele tanto critica e expõe suas opiniões como verdade única e absoluta. No campo ele demonstrou se sentir humilhado e incomodado com o novo ambiente, fazendo-o comparar suas práticas atuais, no campo, às práticas anteriores, em Paris.

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí como perdido num mundo que lhe não fosse fraternal [...]. Depois, em meio da Natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos – ser um Gênio ou um Santo? (QUEIRÓS, 2017, p. 16).

Jacinto, com todo o conhecimento que julgara necessário e indispensável adquirido ao longo de sua vida, acreditava que tais conhecimentos seriam desperdiçados se passasse a ter uma vida no campo. Para ele, na cidade, era possível exibir e utilizar suas faculdades superiores, a partir da convivência com outras pessoas que dividiam do mesmo intelecto.

Na obra, Jacinto, de início, ao chegar na serra, vai tentar “civilizar o campo”, levando consigo vários apetrechos: “Começou então no 202 o colossal encaixotamento de todos os confortos necessários ao meu príncipe para um mês de serra áspera – camas de pena, banheiras de níquel, lâmpadas Carcel, divãs profundos, cortinas para vedar gretas rudes, tapetes para amaciar os soalhos broncos” (QUEIRÓS, 2017, p. 88).

Essa era a ideia central da personagem, modificar o campo, urbanizando-o para que, dessa forma, o local se tornasse agradável e a seus gostos. No entanto, observa-se que eram apetrechos desnecessários para a vivência humana, ou seja, Jacinto apenas cultivava uma cultura adquirida em seu círculo social, em que luxos passavam a ter o valor e necessidade de algo realmente indispensável.

Ao longo dos dias, após sua chegada à serra, Jacinto passou a ser influenciado, ou até mesmo volta à sua essência por natureza, vivendo no campo, percebendo assim, que toda a sua teoria acabara de fracassar. Já o narrador deixa as suas impressões em relação à vida de Jacinto em Tormes, afirmando que “compreendi que, verdadeiramente, na alma de Jacinto se estabelecera o equilíbrio da vida” (QUEIRÓS, 2017, p. 175). O que pode ser percebido no momento em que José Fernandes diz perceber que Jacinto se encontrou é que ele, simplesmente, encontrou o equilíbrio necessário para viver em paz. No campo, não havia tecnologia em excesso, bem como não havia sido extinta daquele ambiente, o que houve foi, exatamente, o equilíbrio. Sendo assim, a partir desse momento, Jacinto obteve essa estabilidade tanto no que se refere ao material quanto ao emocional. Finalmente o coração da personagem principal, ao final da obra, encontrou a paz que procurava.

Essa nova tomada de atitude se deu no momento em que Jacinto resolveu ir até Portugal, depois de certa resistência à viagem. Chegando a Portugal ele conhece uma nova realidade, até então desconhecida, o que vai assustá-lo, inicialmente. A partir do momento em que ele vai entrando em contato com a vida serrana, vai encontrando novos fatores que virão a influenciá-lo. Ao chegar a Tormes a

personagem principal vai respirar o ar puro do campo, sentir-se leve perante às paisagens campestres, percebe a beleza das coisas simples, coisas que se tornavam difíceis de serem realizadas na cidade. Além de tudo isso, ele também pode ver de perto toda a desigualdade social que existia na serra, o que o deixou extremamente horrorizado. Perceber que em suas terras haviam pessoas que passavam fome se tornou motivo para que ele buscasse usar suas condições de melhoria para ajudar àquela população extremamente carente de saúde e alimentação. Sendo assim, o materialismo ostensivo e a excessiva sociedade burguesa deixam de ser a maior influência de Jacinto e ele passa a ter atitudes de acordo com a nova realidade que o cercava.

Chegando a Tormes, e tomando consciência da forma de vida como os moradores daquele ambiente viviam, Jacinto, inicialmente, fica incrédulo. “Os seus olhos rebrilhavam, num espanto comovido, em que pediam [...] a confirmação dessa miséria insuspeitada.”. (QUEIRÓS, 2017, p. 144). Havia miséria em suas terras, no entanto, como ele sempre se manteve indiferente às terras de sua família, nunca havia chegado a tomar consciência da verdadeira realidade. Apesar de sempre ter vivido em Paris, em meio a regalias e entre grande parte de pessoas sem empatia, Jacinto se mostra totalmente comovido com a situação e resolve não ser indiferente àquela circunstância crítica.

É na segunda parte da obra, que José Fernandes enxergou por parte de Jacinto uma renúncia à cidade. “- E esta Tormes, Jacinto, esta tua reconciliação com a natureza, e o renunciamento às mentiras da civilização é uma linda história...”. (QUEIRÓS, 2017, p. 150). É percebido nesse momento, então, que a forma como Jacinto enxerga a cidade passa a se modificar.

Na cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os outros – por causa dos candeeiros de gás ou dos globos de eletricidade que o ofuscam. Por isso (como eu notei) nunca se entra nessa comunhão com o Universo que é a única glória e a única consolação da vida. Mas na serra, sem prédios disformes de seis andares, sem a fumaça que tapa Deus, sem os cuidados que, como pedaços de chumbo, puxam a alma para o pó rasteiro um Jacinto, um Zé Fernandes, livres, bem jantados, fumando nos poiais dum janela, olham para os astros e os astros olham para eles (QUEIRÓS, 2017, p. 110).

Na serra, as personagens tinham muito mais liberdade para apreciar a companhia de amigos, justamente pelo ambiente calmo que os cercava. A natureza

passou a ser exaltada por Jacinto e sua ideia de que os indivíduos serranos não tinham intelecto tal como os indivíduos da cidade acaba sendo extinta. “- Como a inteligência aqui se liberta, hem? E como tudo é animado numa vida forte e profunda!... Dizes tu agora, Zé Fernandes, que não há aqui pensamento...”. (QUEIRÓS, 2017, p. 121). Por fim, Em Tormes, Jacinto se descobriu um novo homem, muito mais aberto a novos e melhores sentimentos, um homem totalmente diferente do Jacinto dos Campos Elísios.

3.2 NATUREZA E CIDADE

Inicialmente, como aqui já vem sendo citado, Jacinto considerava a modernização um avanço necessário, inovador e eficiente. Considerando como felicidade plena a posse de objetos que prometiam facilitar a sua vida, Jacinto pensa obter esse sentimento a partir das inovações tecnológicas. A partir de sua vida bem apetrechada, a personagem principal considerava desnecessária qualquer ideia que lhe afastasse do seu Palacete nos Campos Elísios, mesmo e apesar da sensação, que posteriormente tomou conta dele, de abafamento, em razão da sua rotina em Paris. José Fernandes, em uma manhã de domingo, sugere a Jacinto que visitem a Basílica. A personagem principal como sempre vai se opor às sugestões de seu amigo, no entanto, aceita essa novidade.

Nesse ambiente, os personagens avistam e refletem sobre as características do lugar. Assim, penetravam em bairros estreitos e simples, deparando-se com quintalejos rústicos, mulheres despenteadas, criação de galinhas soltas nas ruas e tudo mais que caracterizava um bairro carente, esquecido por boa parte dos indivíduos de Paris, e que poucos buscaram conhecer essa realidade. Após o trajeto, os dois chegaram à Basílica e ao caminharem para os arredores, sobem no terraço e, dessa topografia, têm a chance de contemplar a cidade por outro viés: é uma visão do todo e assim notam sob o céu cinzento, na planície ofuscada, o contraste de uma cidade obscurecida.

Sob o céu cinzento, na planície cinzenta, a Cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de calça e telha. [...]. Aí estava pois a Cidade augusta criação da Humanidade. [...]. No entanto ainda momentos antes a deixáramos prodigiosamente viva, cheia dum povo

forte, com todos os seus poderosos órgãos funcionando, abarrotada de riqueza, resplandecente de sapiência, na triunfal plenitude do seu orgulho [...]. (QUEIRÓS, 2017, p. 64-65)

Ao subir no terraço eles tiveram a chance de perceber detalhes que antes não haviam parado para refletir. Aquela cidade, cada vez mais abarrotada de pessoas e de tecnologia, o crescimento desenfreado das cidades pode ser visto de um novo ângulo. Uma cidade inteira funcionando a partir de esforços da classe trabalhadora, que usufruía pouco daquilo que produzia/gerava, uma classe trabalhadora que proporcionava conforto para a classe superiormente mais rica. Toda essa percepção sumia diante de uma Paris cinzenta.

Havia ali desigualdade? Era nítido o grande contraste entre os palacetes que abrigavam a grande massa burguesa e os casebres da classe operária, exalando pobreza, dificuldades e conformismo de uma classe que se preocupava em apenas ter o seu sustento de forma digna. A chegada da industrialização trouxe consigo a grande exploração dessa classe, e foi isso que José Fernandes pode observar na grande Paris:

Os séculos rolam; e sempre imutáveis farrapos lhe cobrem o corpo, e sempre debaixo deles, através do longo dia, os homens labutarão e as mulheres chorarão. E com este labor e este pranto dos pobres, meu príncipe, se edifica a abundância da cidade! Ei-la agora coberta de moradas que eles se não abrigam, armazenada de esforços com que eles se não agasalham; abarrotada de alimentos; com que eles se não saciam! (QUEIRÓS, 2017, p. 67).

Palácios que jamais seriam abrigados pela classe trabalhadora, que derramava seu suor diariamente para mantê-los bem apetrechados, com todo o conforto julgado necessário. A fartura na alimentação que essa classe jamais poderia imaginar possuir. Está aí o grande contraste entre quem muito tem e que quase nada possui. Mas, na sociedade do século XIX, uma pequena parte da sociedade se preocupa com a questão social, e uma parte ainda menor se compadece com ela.

A crítica de Eça também se estendia ao que diz respeito ao exibicionismo e, além do grande luxo presente em todo o palácio dos Campos Elísios, nº 202, um desses momentos é a exposição da biblioteca. "Ali jaziam mais de 30 mil volumes, e todos decerto essenciais a uma cultura humana" (QUEIRÓS, 2017, p. 22). Tudo isso era usado não só em benefício do conhecimento, mas também como forma de exibição por parte da personagem principal, ou seja, acreditar que para ser visto como

portador de saber era preciso de todo um exibicionismo e, até mesmo, um exagero. No entanto, o excesso, ou melhor dizendo, o acúmulo só contribuía para o surgimento e progresso do pessimismo na personagem principal. E ao ponto que ele tentava provar a sua tese, mais acontecimentos surgiam e esta ia se desfazendo ao longo da narrativa.

Na Cidade findou a sua liberdade moral; cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência; pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; e rico e superior como um Jacinto, a Sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os dum cárcere ou dum quartel... (QUEIRÓS, 2017, p. 65).

Essa sociedade impunha aos indivíduos um convencionalismo: além dos afazeres domésticos, do trabalho, aconteciam grandes recepções que eram de praxe na sociedade burguesa, entretanto, esse se tornou um dos motivos para o aumento do tédio, ou seja, a monótona rotina que a sociedade impunha a essas pessoas acarretou um grande pessimismo que, mais tarde, daria espaço ao desejo de mudança de vida do protagonista. José Fernandes demonstra a sua indignação em relação à vida nos dois ambientes, campo e cidade, em que ele considerava como uma realidade cruel, ou seja, para ele a vida no campo era sinônimo de paz e liberdade, já a cidade um lugar de aglomerações, seja de pessoas, apetrechos, construções exibicionistas, entre outros. Jacinto necessitou, na obra, de um tempo a mais que o amigo, no entanto, para chegar a essa compreensão.

Ramos e figueiredo (2011, p. 33) afirmam que:

A cidade, se foi algum dia, a Geografia dos tempos lentos e da contemplação, já a partir daí [pós-industrialização] não será mais, transforma-se na Geografia dos tempos rápidos, das constantes mudanças e não raro do aniquilamento mental e vital de muitos homens e mulheres, a cidade torna-se maior que o próprio Ser.

Após a modernização e o crescimento acelerado das cidades, em *A cidade e as serras* aparecem da metrópole cenas de uma natureza fragmentada, em determinadas ocasiões, diferentemente do ambiente do campo, aqui já citado e exaltado por José Fernandes. Um lugar possível para se viver livre e em paz. Ramos e Figueiredo (2011) explicam que essa presença de natureza fragmentada, para falar

de Paris, é encontrada nos passeios pelos bosques ou pelas Avenidas dos Campos Elísios. Sendo assim, somente essa fragmentação não se tornava suficiente para provocar uma sensação de tranquilidade, pois o atulhamento gerado pela cidade se sobrepunha aos ambientes naturais daquela metrópole.

3.3 O CONTRASTE ENTRE A MULHER SERRANA E A MULHER PARASIENSE, MADAME ORIOL E JOANINHA

De modo muito semelhante ao tratamento já dado às concepções de campo e cidade, no romance em estudo, ocorrerá a oposição entre as mulheres dos dois ambientes aqui abordados: as mulheres parisienses e as mulheres serranas. Para que seja feita uma análise no que tange à compreensão dessa oposição, é preciso que sejam citadas algumas das personagens mulheres que, na narrativa, deixam claro essa dessemelhança. Entre elas, madame de Oriol, que manteve um relacionamento afetoso com Jacinto, estando presente em alguns momentos da vida do personagem principal. Joaquina, prima de José Fernandes, uma mulher que, inicialmente não foi bem vista por Jacinto, mas que, posteriormente, veio a conquistar o coração do protagonista, tornando-se sua esposa. Madame Colombe, mulher pela qual José Fernandes se encantou e se mostrou apaixonado. E madame de Trèves, uma condessa infiel ao seu marido.

Levando em conta o conceito de Civilização, aqui já abordado, e os avanços do século XIX, se torna importante afirmar que não somente o ambiente geográfico passa por mudanças, mas também os papéis desempenhados pelos indivíduos de uma sociedade, inclusive quando se trata da figura feminina.

Lerner (2019, p. 155) explica que:

Nas décadas iniciais do século XIX, as mulheres norte-americanas, na prática e no pensamento, redefiniram por conta própria a posição que deveriam ocupar na sociedade. Embora as primeiras feministas aceitassem como fato a existência de esferas específicas, transformaram o significado desse conceito argumentando em prol do direito e do dever da mulher de participar da esfera pública devido à superioridade de seus valores e à força incorporada a seu papel materno.

Nessa linha, fica claro que o século XIX trouxe mudanças significativas no que se refere a alterações em valores e práticas. O motivo dessa mudança são variáveis como a urbanização crescente, o avanço científico e tecnológico e também a necessidade educacional. A partir dessas mudanças o papel da mulher, dentro da sociedade, começou a ganhar nova forma e ser visto de uma maneira distinta da anterior. Em *A cidade e as serras*, o autor, permanecendo alheio ao tanto que já acumula sobre a participação das mulheres em sociedade, a narrativa se esmera em distingui-las apenas pela ambientação da qual se origina cada uma delas.

Acompanhando os avanços do século, as mulheres desse período buscavam cada vez mais se inserirem em uma rotina distinta da de séculos anteriores. A mulher que antes era vista, mais fortemente, como destinada somente aos cuidados do lar e à maternidade, passa a atrelar papéis já desempenhados a novos que as inseriam, de forma mais efetiva, na esfera pública. Na obra, as mulheres parisienses também passaram a modificar seus pensamentos e práticas de uma forma muito mais rápida do que as mulheres serranas, e isso vai explicar o contraste entre a visão que era dada a elas, tendo em vista a comparação entre os costumes de ambas.

Dentro dessa perspectiva, podemos perceber que em *A cidade e as serras*, Eça de Queirós deixa nítida essa diferença no que se refere à rapidez de aquisição de novos costumes. Por um lado, tínhamos as mulheres da cidade, bem vestidas, com exigências e regalias, o que as tornava objeto de desejo dos homens daquela época e daquele ambiente. Levando em conta as modificações das práticas femininas, vale a pena refletir sobre a opinião que Jacinto expunha sobre as mulheres de Paris.

Precisa ter cortesãs de grande pompa e grande fausto [...] uma cocote com os seus vestidos, seus diamantes [...] a sua publicidade, a sua insolência [...] para cima tem pó de arroz!... Mas é uma seca! Sempre bilhetes, sempre telefones, sempre telegramas. E 3 mil francos por mês, além das flores... Uma maçada!". (QUEIRÓS, 2017, p. 35).

O personagem principal afirmava ser indispensável a relação entre homem da alta sociedade e cortesãs. Esse tipo de prática era comum entre os homens e chegava a ser um requisito imposto ao homem daquele ambiente e daquela época. Na alta sociedade, como afirmado na obra, era necessário que os homens possuíssem cortesãs, a fim de manter as aparências. Essas mulheres serviam de adorno aos homens burgueses. Jacinto enxergava a falta de humanidade e a futilidade de parte

dessas mulheres que, inclusive, recebiam por exercer essa função de acompanhantes. Uma quantia por mês, flores, grandes festas, status, era tudo o que essas mulheres vulgares exigiam. Logo, saciavam as necessidades da carne, mas as necessidades da alma? Havia mulheres em Paris que pudessem saciar a alma, tendo em vista a grande influência que elas sofriam dessa sociedade? A mulher parisiense não se tornava, nesse momento, não uma vilã, mas uma vítima dos costumes daquela sociedade? Na visão ainda determinista da obra, elas se tornam tudo aquilo que as rodeiam, logo, essas mulheres apenas reproduziam aquilo que a sociedade julgava necessário naquele período e naquele ambiente.

Outro ponto importante a ser destacado é sobre a relação que Jacinto mantinha com Madame de Oriol, uma mulher que não cultivava um relacionamento tradicional, em que a mulher se vê na disposição de respeitar e ser fiel a um companheiro. Numa visita de Jacinto, acompanhado de José Fernandes, à madame de Oriol, fica nítida essa relação, como se percebe, abaixo.

E foi numa dessas tardes, em que o meu príncipe assim procurava desesperadamente um “bocado de frescuras e paz”, que encontramos, ao meio da escadaria suave, entre as palmeiras, o marido de Madame de Oriol. [...] e se mesmo lhe apertar a mão, atirando um gesto para o patamar: - Visita lá acima? Vai achar a Joana em péssima disposição... Tivemos uma cena, e tremenda. [...]. Estamos separados, cada um vive como lhe apetece, é excelente! Mas em tudo há medida e forma... Ela tem o meu nome, não posso consentir que em Paris, com conhecimento de todo o Paris, seja a amante do trintanário (QUEIRÓS, 2017, p. 75-76).

Nessa parte específica da obra é mostrado que, até no que se refere a relacionamentos, o que vai ser crucial na tomada de decisões são os interesses ou as aparências perante um círculo social. Ou seja, para o marido de Madame de Oriol era totalmente aceitável o relacionamento que ela tinha com Jacinto, assim como com outros que eram de sua roda, como ele mesmo se referia. Todas as tardes Jacinto visitava madame de Oriol e, segundo o narrador, a personagem principal “[...] desejava ter, no retiro do Amor, a presença, o conforto e o socorro da Amizade.” (QUEIRÓS, 2017, p.73). Pode ser observado que Jacinto, em sua inquietação e infelicidade, procurava nessa mulher um ombro amigo, uma paz de espírito, no entanto não era dessa forma que ele estava chegando à paz e felicidade desejadas. Ao se referir à madame de Oriol o narrador descreve como a mulher tem levado a sua vida desde o seu casamento:

[...] a sua existência, desde casada, consistira em ornar com suprema ciência o seu lindo corpo, entrar com perfeição, numa sala e irradiar, remexer os estofos e conferenciar pensativamente com o grande costureiro; rolar pelo Bois pousada na sua vitória como uma imagem de cera; decotar e branquear o colo; debicar uma perna de galinhola em mesas de luxo; fender turbas ricas em bailes espessos; adormecer com a vaidade esfalfada; percorrer de manhã, tomando chocolate, os “Ecos” e as “Festas” do *Figaro*; e de vez em quando murmurar para o marido – “Ah, és tu?...” Além disso, ao lusco-fusco, num sofá, alguns curtos suspiros entre os braços de alguém que era constante. Ao meu príncipe, nesse ano, pertencia o sofá.” (QUEIRÓS, 2017, p. 74).

É visto, de forma clara, que madame de Oriol era descrita, pelo narrador, como uma mulher sem grandes feitos, que levava uma vida de insignificância, em que exibia seu corpo, e servia ao seu marido os desejos da carne. O que pode ser observado é que o modelo de relacionamento vinha mudando, dessa forma, algumas dessas modificações acabavam chocando a população, mais a uns que a outros.

Ao falar de “lusco-fusco no sofá” pode ser refletido sobre o significado desse objeto, em que o sofá pode ser visto como demonstração de fugacidade, tendo em vista a que a cama pode ser considerada como um local superior ao sofá. Dessa forma, para Jacinto, sobraria apenas aquele local considerado como inferior, sem muita importância.

Ainda nessa visão de relacionamentos infieis e superficiais, a obra mostra a história de madame de Trèves, uma condessa que, assim como madame de Oriol, matinha um relacionamento infiel. “Eram dois os homens de madame de Trèves – o marido, conde de Trèves [...] e o amante, o terrível banqueiro judeu, David Efraim” (QUEIRÓS, 2017, p. 43). O que se mostrou interessante na narrativa é o fato de que haviam as traições, os adultérios e as personagens eram cientes da vida que esses casais levavam, entretanto, era tratado de forma comum, como qualquer outra atitude da sociedade.

Já a visão de José Fernandes em relação às mulheres de Paris, alheio ao modo de vida daquele ambiente, demonstrava um certo encantamento inicial. Ao chegar na grande metrópole, se deparou com belas mulheres, de aparência exterior impecável, o que lhe fez pensar em comparar-lhes com as mulheres serranas, às quais estava acostumado a conviver. Logo de início ele se encantou por uma bela mulher, madame Colombe, e a forma como ele descreve o sentimento por essa mulher pode ser visto como de grande intensidade:

Amei aquela criatura. Amei aquela criatura com Amor, com todos os Amores que estão no Amor, o Amor divino, o Amor humano, o Amor bestial, como Santo Antônio amava a Virgem, como Romeu amava Julieta, como um bode ama uma cabra. [...]. Durante sete furiosas semanas perdi a consciência da minha personalidade de Zé Fernandes – Fernandes de Noronha e Sande, de Guiães! (QUEIRÓS, 2017, p. 58).

A intensidade com que José Fernandes assume esse amor faz com que ele se distancie da realidade, perca os sentidos e assuma uma personalidade, mesmo que somente por algumas semanas, como por ele relatado, que não condizia com o indivíduo que ele sempre acreditou e demonstrou ser. O amor humano sentido por José Fernandes vai ser, justamente, comparado com o amor divino, que, por sua vez, é visto como puro e sagrado, fazendo com que seja percebido a grande intensidade desse amor. Cabe entender que José Fernandes, acostumado com a simplicidade das mulheres serranas, com a valorização do sentimento verdadeiro, se vê modificado, obcecado por uma mulher de personalidade diferente, o que vai fazê-lo repensar esse sentimento e, mais tarde, voltar à consciência. Ao longo da passagem do narrador por Paris ele vai perdendo o encanto inicial por essas mulheres.

Mas voltemos a Jacinto, lembrando que na segunda parte da obra, ele passou por dois momentos aos quais o(a) leitor(a) deve prestar a atenção: primeiro ele se mostrou indiferente e preconceituoso, ao chegar a Tormes, deixando transparecer seu total descaso e desprezo, carregando ainda a visão que trouxe consigo de Paris em relação às mulheres. Logo depois sua visão vai se modificando e ele passa a enxergar o valor das mulheres serranas. Em primeiro momento, acostumado com o comportamento feminino observado em Paris, Jacinto, a partir do momento em que teve contato com outras mulheres acaba por estranhar e criticá-las. Em determinado momento da obra, Jacinto, apesar de notar certa beleza em uma dessas mulheres, acaba sendo totalmente preconceituoso.

Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, dum negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar a cinta, que harmonia e que graça de Ninfa latina! [...] – Ó Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva da serra... [...]. Não nos iludimos, Zé Fernandes, nem fazemos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que

numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. (QUEIRÓS, 2017, p. 120)

Pode ser percebido que havia beleza exterior nas mulheres serranas, no entanto era uma beleza real, natural, diferentemente da beleza das mulheres de Paris, que era artificial e forçada; e à qual Jacinto estava acostumado, por isso procurava-a em todas as mulheres. Ele, por sua vez, não entendia a feminilidade dessas mulheres, e como pode ser visto nesse trecho, até fazia comparações com bichos. Para ele, havia brutalidade nelas, e não havia sensibilidade, nem poesia, muito menos beleza. O seu conceito de beleza era nada menos que ultrapassado. As mulheres serranas, não se vestiam ou se portavam de modo que agradassem aos homens, mas se mostravam ativas, em todos os âmbitos, inclusive no trabalho. Isso gerou em Jacinto uma certa aversão, em primeiro momento, tendo em vista que ele via o trabalho como tarefa masculina. Vale lembrar que cada ambiente é carregado de tradições, sendo assim, enquanto as mulheres parisienses modificavam algumas de suas práticas, as mulheres serranas ainda seguiam algumas tradições, tendo em vista fatores como a religiosidade que era muito mais presente no ambiente bucólico do interior.

Jacinto ainda confessou o pensamento de que “essas senhoras [...] estou pensando que devem parecer com legumes. São nutritivas, excelentes para a panela – mas, enfim, legumes. Às mulheres que os poetas comparam às flores são sempre as mulheres das cortes, das capitais.” (QUEIRÓS, 2017, p. 150). Essa comparação citada se dá pelo fato de que a funcionalidade dos legumes é o da cozinha, da preparação de alimentos, ou seja, ele associava a mulher serrana apenas a funcionalidade doméstica, vistas como serviçais.

Em um segundo momento da segunda parte da obra, como já citado, após influência da convivência e do ambiente, Jacinto acabou por enxergar a beleza da mulher serrana, bem como conseguiu entender o que estaria por trás, ou melhor, por dentro da mulher parisiense.

Mas, à porta, que de repente se abriu, apareceu minha prima Joaninha, corada do passeio e do vivo ar, com um vestido claro e pouco aberto no pescoço, que fundia mais docemente, numa larga claridade, o esplendor branco da sua pele, e o louro ondedo dos seus cabelos – lindamente risonha, na surpresa que alargava os seus largos, luminosos olhos negros [...]. E foi assim que Jacinto, nessa tarde de setembro, na Flor da Malva, viu aquela com quem casou em maio, na capelinha de azulejos, quando o grande pé de roseira se cobria todo de rosas. (QUEIRÓS, 2017, p. 173).

Primeiramente Jacinto precisou fazer as pazes consigo mesmo para enxergar a beleza que viria além do que olhos pudessem ver. Ou seja, ele passou por todo um processo de adaptação ao novo ambiente, desconstruindo visões, formando novas opiniões e preferências no que se refere à geografia, para logo mais modificar suas impressões também em relação aos moradores daquele ambiente, inclusive as mulheres. A beleza natural de sua noiva Joaninha, em um certo ponto da obra não o encantaria da mesma forma como o encantou no momento em que ele havia desconstruído todo o preconceito que carregava consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro dos contos produzidos por Eça de Queirós, merece destaque nesse trabalho o conto *Civilização* (1892), anteriormente já mencionado, e que aborda um dos temas mais presentes nas narrativas do autor, sendo ponto de partida para a criação da obra *A Cidade e as Serras*, aqui discutida. O conto de origem “ridiculariza aquilo que hoje designaríamos como obsessão sumptuária do consumo”. (SARAIVA; LOPES, 2008, p.884). A narrativa apresenta o personagem, que fazia acúmulo de tecnologia em seu palácio em Lisboa, e todos os apetrechos que, mais tarde, também foram apresentados em *A cidade e as Serras*, como a enorme biblioteca, o telégrafo, fonógrafo, além de todo o excesso de alimentos, entre outros. A obra aqui analisada é uma espécie de ampliação do conto *Civilização* e é fruto da fase pós-realista do autor, em que ele usa a crítica de forma consciente, abandonando a ironia zombeteira.

Lavando em conta a temática pertinente das obras de Eça de Queirós, pode ser dito que o conceito de Civilização é o que vai ser determinante para justificar o pensamento e as ações do homem europeu do século XIX. No período de Revolução Industrial, esse conceito estava diretamente ligado ao processo evolutivo gerado por ela, posto isto, nesse período, era cultivado a valorização do tecno-cientificismo. Assim, o conceito de civilização passa a corresponder a uma cultura voltada para o conhecimento científico e para a industrialização. Ou seja, é dado um significado convencionalizado, em que Civilização deixa de ser associada àquela sociedade que acompanhasse os avanços, evoluindo ao passo das mudanças e passa a ter o sentido equivocado de imediatismo, de modo que aqueles que passassem por essas modificações de forma mais lenta, eram considerados incivilizados, sem intelecto.

A visão de inferioridade do campo justifica-se pela lenta adesão aos avanços trazidos pelo século, por isso, Jacinto, em primeira parte da obra, demonstra desdém em relação ao ambiente serrano, bem como às mulheres que também modificaram os seus papéis dentro da sociedade de forma diferente e mais lenta, comparada às de Paris.

O conceito de Utopia (Pierre-Joseph Proudhon) também corrobora para justificar o pensamento da sociedade do século XIX, período de grandes avanços tecnológicos, e do rápido desenvolvimento industrial, em que como consequência serão geradas as contradições entre um otimismo futuro, por um lado técnico; e

pessimismo pelo lado humano. Nesse contexto, a utopia deixa de ser a busca por um mundo ideal e passa a ser a possibilidade de uma comunidade que vise o bem coletivo. Com essa mentalidade, acreditava-se que os avanços tecnológicos seriam a chave para a melhoria social.

A partir desse pensamento foi cultivado, na obra, a crença de que a felicidade se dava através do progresso científico que fascinava e movia Jacinto. Como visto em princípio, o personagem principal e outros indivíduos daquela sociedade de classe alta acreditavam e encaravam essas mudanças como positivas e, portanto, precisavam estar rodeados dessas novidades.

E é seguindo essa linha de raciocínio, que a teoria de Jacinto é formulada e mais tarde convertida em fórmula, resumida em: a suma ciência, que correspondia ao máximo de conhecimento, era multiplicada à suma potência, correspondente ao poder que era atingido pela tecnologia, pelo conhecimento, e isso resultaria na suma felicidade, que diz respeito às conquistas desta. A felicidade estaria diretamente ligada às conquistas trazidas pelos avanços científicos, dessa forma, acreditava-se que aquele que não compartilhasse dessa mesma convicção, estaria sendo privado da possível suma felicidade.

Entre tantos prós advindos da tecnologia, vale lembrar que haviam ações que não corriam como o esperado. Ou seja, a partir do momento que os apetrechos tecnológicos iam decepcionando a personagem principal e a aqueles ao seu redor, apesar de ele demonstrar uma grande resistência de aceitação, Jacinto começa a perder o encanto e o seu otimismo em relação à suma felicidade. Essa chegada rápida da tecnologia afetava não somente a burguesia que teria de lidar com os contratemplos, mas também veio a gerar problemas para a sociedade em geral, principalmente as massas mais pobres. Um dos maiores desses problemas gerados foi a desigualdade, constantemente criticada na obra.

Sendo assim, os avanços tecnológicos trouxeram grandes benefícios, mas também acabaram por aumentar e piorar o quadro de desigualdades sociais. A visão que é dada ao(à) leitor(a) é que de um lado temos os grandes palacetes, casas luxuosas e do outro casas completamente simples, abrigando pessoas que davam todo o seu suor para manter a massa burguesa rodeada de conforto advindo pelas tecnologias. Enquanto a burguesia vivia tempos gloriosos, o proletariado se via exausto para manter o pão de cada dia à mesa.

A rotina burguesa exaustiva e automática é o que vai levar a personagem principal a mudar o estilo de vida e o pensamento. Ao chegar em Tormes, inicialmente Jacinto demonstrou insatisfação, porém, tão logo venha a conhecer melhor o ambiente, foram geradas novas opiniões. A questão da desigualdade social no ambiente serrano também é fator determinante para que o personagem principal chegue a essa nova tomada de atitude. A teoria de Jacinto se torna inaplicável, assim, chegando ao fim, após o personagem principal encontrar no campo a grande felicidade que procurava inutilmente em Paris. Vai ser mostrado, ao final da obra, que o ambiente rural não se torna pior nem melhor que o ambiente urbano, tão pouco incivilizado. As mulheres, por sua vez, também não deixam de ser menos femininas pela sua rotina simplória, longe dos luxos parisienses. A realidade nítida é que os dois ambientes, bem como os indivíduos, passam por modificações ao longo do tempo e essas mudanças podem ser rápidas ou lentas, o que não vai determinar o seu valor, mas vai proporcionar a confirmação de que cada um se adapta e se modifica de tempos e formas distintos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

AQUINO, Silvia Lima de. Considerações sobre o conceito de civilização em Norbert Elias. **Revista espaço acadêmico**. n. 138. Novembro de 2012. ISSN 1519-6186, p. 138-148.. Disponível em: https://www.academia.edu/download/39395437/O_conceito_de_civilizacao_-_Norbert_Elias.pdf . Acesso em: 01 jun. 2023.

BATISTA, Edimar Eder. Complexidade das relações entre campo e cidade: perspectivas teóricas. **Revista NERA**. Ano 18, n. 29, julho/dezembro de 2015. p. 101-130. ISSN: 1806-6755. Disponível em: [3856f353b978515ff1633740a04e0abeea03.pdf](https://www.academia.edu/download/3856f353b978515ff1633740a04e0abeea03.pdf). Acesso em: 04 abr. 2023.

COSSIO, Maurício Rasia. **A utopia não-utópica de Proudhon**. Em **Debat: Rev. Dig.**, ISSN 1980-3532, Florianópolis, n. 12, p. 22-42, jun-dez, 2014. p. 22- 41. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/50749566/39368-138486-7-PB.pdf>. Acesso em: 19 maio 2023.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau: o bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1996.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n8OpEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=a+cria%C3%A7%C3%A3o+do+patriarcado&ots=jAJewXxkyx&sig=q3UVqzL7Z6pnkPqJAcj21Zm8A9M>. Acesso em: 02 jun. 2013.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

PEREIRA, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

QUEIRÓS, Eça de. **A cidade e as serras**. 2. ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2017.

RAMOS, Elvis Christian Madureira Ramos; FIGUEREIDO, Wellington dos Santos. A cidade e as serras: uma relação dialética entre o homem e o espaço. **Ciência geográfica**. Bauru – XV – v. XV – (1): Janeiro/Dezembro – 2011. p. 30-38. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_ve rsao_internet/AGB_dez2011_04.pdf. Acesso em: 04 abr. 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. Eça de Queirós e a ficção realista. In: SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (org.). **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. s.l.: Porto Editora, 2008. cap. X, p. 855-894.

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. O tempo e o espaço das “manifestações literárias”. **Revista Investigações**. Recife, v. 30, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/231425/25996>. Acesso em: 14 abr. 2023.